

# FRATURA NA CASA ROSADA



**ARGENTINA /** Após derrota peronista nas primárias para eleições legislativas, cinco ministros aliados a Cristina Kirchner apresentam renúncias a Alberto Fernández e abrem crise sem precedentes. Para analistas, tensão entre o presidente e a vice ameaça governabilidade

» RODRIGO CRAVEIRO

A fatura da vexame peronista nas primárias para as eleições legislativas de 14 de novembro chegou à Casa Rosada com custo alto. De uma vez, cinco ministros e seis assessores apresentaram a demissão ao presidente Alberto Fernández, o que provocou uma crise sem precedentes na cúpula do poder, em Buenos Aires. “Motiva a presente (carta) colocar à sua disposição minha renúncia ao cargo de Ministro do Interior da Nação, com o qual tenho sido honrado desde 10 de dezembro de 2019. Ao escutar suas palavras, no domingo à noite, quando falou da necessidade de interpretar o veredicto expressado pelo povo, considerei que a melhor maneira de colaborar com essa tarefa é colocando minha renúncia à sua disposição”, escreveu o ministro do Interior, Eduardo “Wado” de Pedro, em carta entregue ontem a Fernández.

Foi seguido pelos ministros Martín Soría (Justiça), Roberto Salvarezza (Ciência), Juan Cabandí (Meio Ambiente) e Tristán Bauer (Cultura). Todos os demissionários têm em comum a forte aliança com a vice-presidente Cristina Kirchner. Até o fechamento desta edição, nem Fernández nem Kirchner tinham se pronunciado sobre a instabilidade.

Segundo o jornal *Clarín*, a renúncia em massa ocorreu na esteira de uma tensa reunião entre presidente e vice, ocorrida na terça-feira, na Quinta de Olivos — a residência oficial do governo, localizada no subúrbio de Buenos Aires. Na tentativa de demonstrar capital político, a Casa Rosada

Esteban Collazo/AFP



Alberto Fernández com “Wado”, em março de 2020: desfalque importante

garantiu que conta com o apoio dos governadores das províncias de La Rioja, San Juan, Tierra del Fuego, Tucumán, Neuquén e San Luis. Para hoje, movimentos sociais alinhados a Fernández convocaram uma marcha em apoio ao presidente, na Plaza de Mayo, em frente a Casa Rosada.

## Novos rumos

Para o cientista político Andres Gilio, diretor da empresa de consultoria Opina Argentina, a renúncia em massa na Casa Rosada se encaixa mais na definição de rumos do governo do que na disputa por espaços de poder. “Vemos uma tensão, sobretudo na esfera econômica. Há duas visões nesse sentido. A primeira, defendida por Fernández e por Guzmán, é marcada pela moderação nas negociações com o Fundo Monetário Internacional (FMI), no equilíbrio fiscal e nas políticas de estímulo aos investimentos”, disse ao *Correio*. “A segunda, abraçada por

Cristina Kirchner, é a de que um acordo com o FMI precisa ser muito mais duro, capaz de permitir margens fiscais. A ex-presidente também advoga por uma política de redistribuição de renda — políticas mais expansivas, ainda que pesem riscos inflacionários.”

Gilio explicou que a saída de Eduardo “Wado” de Pedro se explica como uma estratégia de Cristina para condicionar os rumos políticos e econômicos do governo. “De certa forma, esse jogo de renúncias escancara dois projetos com matizes fortemente diferentes em relação a como encarar os dois anos de mandato restantes. Cristina não pretende se concentrar somente na mudança de nomes no gabinete. Ela deseja se cercar de executores fiéis à sua estratégia política”, avaliou.

Ainda segundo Gilio, a retirada do núcleo kirchnerista do poder deixa Fernández bastante prejudicado. “O governo ficará impossibilitado de reconstruir uma coalizão que lhe garanta o mínimo de

## » Debandida kirchnerista

QUEM SÃO OS MINISTROS DE ALBERTO FERNÁNDEZ QUE APRESENTARAM A RENÚNCIA



**Eduardo “Wado” de Pedro (Interior)**  
1- O demissionário ministro era uma das figuras mais importantes do governo de Alberto Fernández, além de mediador entre o presidente e a vice, Cristina Kirchner. Também funcionava como estrategista nacional e interlocutor com a oposição. Tinha excelente trânsito entre os empresários e os juizes.

**Roberto Salvarezza (Ciência e Tecnologia)**  
2- Foi presidente do Conselho Nacional de Investigações Científicas e

Técnicas (Conicet). Em 2017, foi candidato a deputado federal, pela província de Buenos Aires, depois de se afiliar à coalizão Unidad Ciudadana, de Cristina Kirchner.

**Martín Soría (Justiça)**  
Ex-deputado federal pela província de Río Negro, foi bastante criticado por não fazer avançar a reforma do Judiciário. No governo de Alberto Fernández, buscava mudar a legislação do Ministério Público Federal, o que lhe permitiria substituir o procurador-geral. Fracassou no intento.

**Juan Cabandí (Meio Ambiente)**  
3- Foi crucial para a reaproximação entre Fernández e Cristina Kirchner. Fez parte da organização política juvenil La Cámpora, fundada em 2006, de ampla orientação kirchnerista.

**Tristán Bauer (Cultura)**  
4- Cineasta de formação e importante aliado de Cristina Kirchner, foi presidente da Radio y Televisión Argentina (RTA). Também atuou como diretor do Sistema Nacional de Meios Públicos.

governabilidade”, adverte. O analista político vê duas alternativas “muito perigosas” para o presidente. “Ou ele entra em um pavoroso nível de incerteza na governabilidade ou se rende diretamente e acata a visão política de Cristina. A ex-presidente está mais acostumada a esse jogo de confrontação e conta com respaldo em amplos setores da população.”

Carlos Fara — especialista argentino em opinião pública e comunicação de governo, que participou de 140 campanhas eleitorais na América Latina — não esconde a gravidade da crise em Buenos Aires. “É algo sem prece-

des, o pior momento do governo de Fernández”, disse ao *Correio*. De acordo com ele, a renúncia de “Wado” foi uma maneira de forçar o presidente a pedir a renúncia de todo o gabinete para reordenar o governo, depois do fiasco de domingo. “O principal elemento aqui é Guzmán, criticado pela posição moderada. Os kirchneristas defendem que o ministro da Economia abandone a moderação e insufla o consumo popular, para reverter o resultado negativo nas primárias para as eleições legislativas”, comentou.

Fara reforça que Fernández sai bastante debilitado desse epi-

sódio e lembra que Cristina conta com apoio eleitoral de vários setores. “Existe o risco de a crise se deteriorar e de o presidente abrir diálogo com Cristina e com governadores. Nesse caso, Fernández perderia legitimidade”, analisou. Ele teme que, se Guzmán e o chefe de gabinete de Fernández, Santiago Cafiero, forem mantidos no cargo, haverá um efeito dominó, com novas renúncias. “Se o presidente não destituir os dois, Cristina poderá retirar seus funcionários e esvaziar o governo. Isso representaria uma crise político-institucional descomunal.”

## COREIAS

# Lançamentos de mísseis aumentam a tensão

Primeiro, a Coreia do Norte lançou dois mísseis de curto alcance em Yangdok (centro). Os artefatos voaram 800km, a uma altitude de 60km, e caíram sobre o Mar do Japão. Pouco depois, a Coreia do Sul disparou, com sucesso, o primeiro míssil balístico a partir de um submarino (SLBM), tornando-se o sétimo país a possuir essa tecnologia avançada. Os lançamentos de mísseis escalaram a tensão na Península Coreana. O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas reuniu-se, em caráter emergencial, para debater os desdobramentos na região, a pedido da França e da Estônia. Os Estados Unidos denunciaram o regime de Kim Jong-un por

violar as resoluções do Conselho, mas admitiu o desejo de dialogar com a Coreia do Norte. Um porta-voz do Departamento de Estado afirmou que os mísseis de Pyongyang representam “uma ameaça aos seus vizinhos e a outros membros da comunidade internacional”. “Seguimos comprometidos a ter uma abordagem diplomática com a RPDC (Coreia do Norte) e os convidamos a se envolverem em um diálogo”, acrescentou.

O presidente sul-coreano, Moon Jae-in, inspecionou o inédito disparo, ao visitar o centro de testes da Agência para Desenvolvimento da Defesa (ADD). “Ter um SLBM é algo muito significativo em termos de dissuasão de segurança contra ameaças

Jung Yeon-E/AFP



Em estação de Seul, cidadãos assistem a notícia sobre teste de Pyongyang

omnidirecionais e deve desempenhar grande papel na autosuficiência da defesa nacional e no estabelecimento da paz na

Península Coreana”, afirmou um comunicado divulgado pelo gabinete de Moon. O míssil sul-coreano foi disparado do novo

submarino Ahn Chang-ho, inaugurado em 13 de agosto.

Ex-especialista em comunicação do 38 North — site dedicado à análise sobre a Coreia do Norte e projeto do instituto Stimson Center (em Washington) —, Justin Arnold entende os lançamentos de dois mísseis balísticos, por parte de Kim Jong-un, como uma continuação do programa armamentista de Pyongyang. “O regime comunista envia a Washington uma mensagem de que Joe Biden não pode ignorar a Península Coreana. Não me surpreendo com os disparos dos dois mísseis, mas com o fato de que Kim demorou para fazer isso”, afirmou ao *Correio*. “Quanto aos artefatos lançados pela Coreia do Sul a partir de um

submarino, a ideia é surpreender o Norte, que também busca desenvolver mísseis balísticos lançados de submarino no complexo de estaleiros Nampo. Creio que Pyongyang tende a acelerar o seu programa bélico. Não ficaria surpreso se Kim fizesse um disparo a partir de submarino em 2022.”

De acordo com Arnold, existe o risco de a escalada bélica levar a um erro de cálculo capaz de desatar um conflito armado. “A chave para ambos os lados é comunicar suas intenções e neutralizar a situação. No entanto, não excluo uma resposta da Coreia do Norte para breve, principalmente depois da promessa de Moon de buscar a dissuasão”, disse o estudioso. (RC)